Paulene Almeida Rodrigues
Dr. Marcos Antônio Cunha Torres

EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: SABERES E FAZERES DE Mulheres quilombolas do Alto Santana NA CIDADE DE GOIÁS

Universidade Estadual de Goiás
PROMEP

Paulene Almeida Rodrigues
Dr. Marcos Antônio Cunha Torres

EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: SABERES E FAZERES DE Mulheres quilombolas do Alto Santana NA CIDADE DE GOIÁS

Universidade Estadual de Goiás
PROMEP

Copyright © de Paulene Almeida Rodrigues
Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19.2.1998.
Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do/a autor/a.

UNIVERSIDAE ESTADUAL DE GOIÁS
CÂMPUS CORA CORALINA - SEDE: CIDADE DE GOIÁS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS CULTURAIS, MEMÓRIA E PATRIMÔNIO - PROMEP
MESTRADO PROFISSIONAL

Educação Patrimonial: saberes e fazeres de Mulheres quilombolas do quilombo Alto Santana na cidade de Goiás

Autora:
Paulene Almeida Rodrigues

Orientador:
Dr. Marcos Antônio Cunha Torres

Editoração
Coelum Editorial

Preparação e Revisão Textual
Isadora Aparecida Santos Pinheiro

Projeto Gráfico e Diagramação
Bruna Ranyne Nunes Cardoso

Imagens da capa
Acervo da autora

Imagens do miolo
Todas as imagens que compõem esse material foram autorizadas pelas participantes da pesquisa, no termo de consentimento livre e esclarecido, ressalto que as imagens são do acervo da autora e algumas foram cedidas pelas entrevistadas.

CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

Goiás - GO, 2024

DEDICATÓRIA

Meus agradecimentos, a priori, são dirigidos a Deus, que preparou cada caminho, iluminou a minha escrita e me concedeu a dádiva de realizar um sonho acalentado por muito tempo.

À minha família, composta, em sua maioria, de mulheres. Quero agradecer a duas que foram essenciais em minha vida: minha avó Esperança (*in memoriam*) e minha mãe, Maria Catarina. Elas representam todas as mulheres citadas nesta pesquisa, são exemplos de amor, de renúncia e de lutas. Ambas lavavam roupas, nos levavam ao Rio Vermelho e lá aprendíamos o valor do trabalho humilde, além de nos contarem tantas histórias e nos ensinarem a fazer sempre o melhor para nós e para os outros.

sumário

6 Apresentação

11 Narrativas das mulheres quilombolas

37 Patrimônio, memória e identidade

39 Educação patrimonial: saberes e fazeres

50 Referências

52 Sobre a autora

APRESENTAÇÃO

O produto resultante da pesquisa de mestrado em Estudos Culturais, Memória e Patrimônio da Universidade Estadual de Goiás, campus Cora Coralina, desdobrou-se em um e-book educacional com o objetivo de orientar professores e profissionais responsáveis pela preservação da cultura, visando instruí-los a como preservar os bens culturais presentes no quilombo Alto Santana a partir das narrativas das mulheres quilombolas. Essas narrativas nos auxiliam a compreender o quilombo e suas especificidades.

O Quilombo Alto Santana está localizado na cidade de Goiás, antiga capital do Estado, que fica na região central do Brasil. Vila Boa surgiu no século XVIII e foi fundada pelos bandeirantes portugueses com a finalidade de exploração aurífera. O processo histórico do município é permeado por vários acontecimentos, a exemplo da transferência da então capital vilaboense para Goiânia no ano de 1932, por iniciativa do interventor Pedro Ludovico Teixeira, fato que causou um esvaziamento populacional, uma vez que os moradores tiveram que se reinventar para a manutenção da sobrevivência. No ano de 2001, a cidade de Goiás recebeu o título

de Patrimônio Mundial reconhecido pela Organização das Nações Unidas (ONU).

O quilombo Alto Santana é urbano, logo, possui especificidades que o diferem dos quilombos tradicionais. Constituído por grupos etnicamente identitários, que estão em busca da titulação de seu território, o quilombo está inserido em um espaço mais afastado do centro histórico da cidade de Goiás e carrega consigo complexidades próprias. As narrativas locais apontam que os moradores mais antigos são advindos do norte da Bahia e das fazendas do entorno do Estado de Goiás.

A certificação foi realizada pela Fundação Cultural Palmares e se deu por meio de processo e de portarias com o intuito de identificar, reconhecer e regulamentar o território quilombola, bem como as pessoas que ali residem e se autodefinem como remanescente dos quilombos.

PORTARIA Nº 281, DE 24 DE OUTUBRO DE 2017

O Presidente da Fundação Cultural Palmares, no uso de suas atribuições legais conferidas pelo art. 1º da Lei n.º 7.668 de 22 de Agosto de 1988, art. 2º, §§ 1º e 2º, art. 3º, § 4º do Decreto n.º 4.887 de 20 de novembro de 2003, que regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias e artigo 216, I a V, §§ 1º e 5º da Constituição Federal de 1988, Convenção nº 169, ratificada pelo Decreto n.º 5.051, de 19 de abril de 2004 e nos termos do processo administrativo desta Fundação n.º 01420.008723/2017-25, resolve:

Art. 1º CERTIFICA que a COMUNIDADE ALTO SANTANA, localizada no município de Goiás/GO, registrada no Livro de Cadastro Geral n. º 018, Registro n. º 2.557, fl. 178, nos termos do Decreto supramencionado e da Portaria Interna da FCP n. º 98, de 26 de novembro de 2007, publicada no Diário Oficial da União n. º 228 de 28 de novembro de 2007, Seção 1, f. 29, SE AUTODEFINE REMANESCENTE DOS QUILOMBOS.

Paulene Almeida Rodrigues

Desde então, o quilombo passa por um processo de ressignificação. Tal processo é operado a partir da certificação fruto da mobilização de mulheres pretas quilombolas e reflete como os movimentos sociais são uma *potentia* transformadora na sociedade, conscientizando-a por meio da educação antirracista. Por si só, as ações de luta em prol do combate ao racismo promovem a educação da população para lidar de modo eficaz com as relações raciais no Brasil.

Assim, o quilombo vem sendo considerado um território étnico-racial, com ocupações coletivas baseadas na ancestralidade e nas tradições culturais, local onde se expressa a resistência a diferentes formas de dominação. Essa ocupação de território está amparada e garantida pela Constituição de 1988 (Brasil, [2024]).

A Associação do Quilombo Alto Santana (AQAS) foi criada em 2017 com o intuito de amparar as pessoas que ocupam esse espaço, além de oferecer ajuda mútua e troca de conhecimento. A certificação foi um marco histórico para os remanescentes, que viram nesse ato a iminência de se tornarem protagonistas da própria história, conforme ilustrado no depoimento a seguir:

> A certificação é fruto da afirmação da identidade quilombola de sujeitos remanescentes de quilombo e do sistema de escravidão na região do município de Goiás e veio propiciar a organização da comunidade na busca por soluções, ações e políticas de desenvolvimento da comunidade no tocante às vulnerabilidades sociais, como desemprego, baixa escolaridade, renda e formação profissional, deficiências no saneamento básico, dentre outras (Santos *et al.*, 2021, p. 342).

Após essas lutas para a conquista da certificação, faz-se pertinente ressaltar que o quilombo Alto Santana se configura como um lugar de memórias coletivas. Ao entrevistar as mulheres, percebe-se um certo saudosismo quando elas narram fatos relacionados à fundação do bairro. As entrevistadas relatam experiências relacionadas às pessoas e ao lugar que nos levam a refletir como a memória é importante para a preservação do lugar e das pessoas que ali habitavam. No entendimento de Halbwachs (1968), "nas décadas de 1920-1930, já pontuava que a memória deve ser um fenômeno coletivo e social. Ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a constantes mudanças e transformações".

Nesse processo de reconhecimento de mulheres que celebram a negritude por meio de luta e resistência, é preciso elencar que, nos quilombos, as mulheres também lutam por seus direitos, contemplando pautas diversificadas, como a luta por territórios, bem como o direito à saúde, à educação e à segurança. Ao refletir sobre a história das pessoas negras no Brasil, é possível perceber que a narrativa é contada sob um viés masculino, ou seja, a historiografia oficial mostra uma representação masculina dessa história. Nesse sentido, as mulheres quilombolas da comunidade remanescentes do quilombo Alto Santana têm que superar diariamente vários fenômenos que obstaculizam o desenvolvimento de sua comunidade.

> […] falar da mulher quilombola e do seu papel na sociedade, não se restringe ao reconhecimento da luta das mulheres negras em geral, porém, o empoderamento destas perpassa as referências históricas, na medida em que constituem uma trajetória de luta e contraposição dos espaços de invisibilidade, opressão e desigualdade. É nesse sentido que as identidades se sobrepõem, se entrecruzam e se acumulam, viabilizando a análise por uma perspectiva interseccionalizada (Souza; Araújo, 2014, p. 168).

Essa reflexão acerca da luta das mulheres pela emancipação da comunidade nos remete à importância do território tanto para a manutenção da segurança material quanto cultural. O empoderamento feminino possibilita às mulheres adquirirem autonomia nas tomadas de decisões, o que favorece a autoestima e a autoconfiança. Portanto, as mulheres quilombolas do Alto Santana se organizam e lutam pela garantia e efetivação dos direitos comunitários, tendo a associação como um instrumento que válida essas ações.

Dessa forma, a história oral se faz presente nas narrativas das mulheres quilombolas por ser uma fonte para a análise e compreensão da história do bairro, por ser um instrumento investigativo, constituído de entrevistas com pessoas que viveram/vivem ou testemunharam fatos e acontecimentos e não possuem registros escritos. A "história oral, então é primordialmente uma arte de escuta, pois ela é gerada durante a entrevista" (Sales; Freitas, 2021, p. 10).

As mulheres quilombolas entrevistadas, em sua grande maioria, ressaltam a importância do reconhecimento do quilombo Alto Santana para a comunidade. Refletem, ainda, sobre o sentido e o significado em ser quilombola e demonstram orgulho por pertencer ao lugar onde guardam memórias de seus ancestrais.

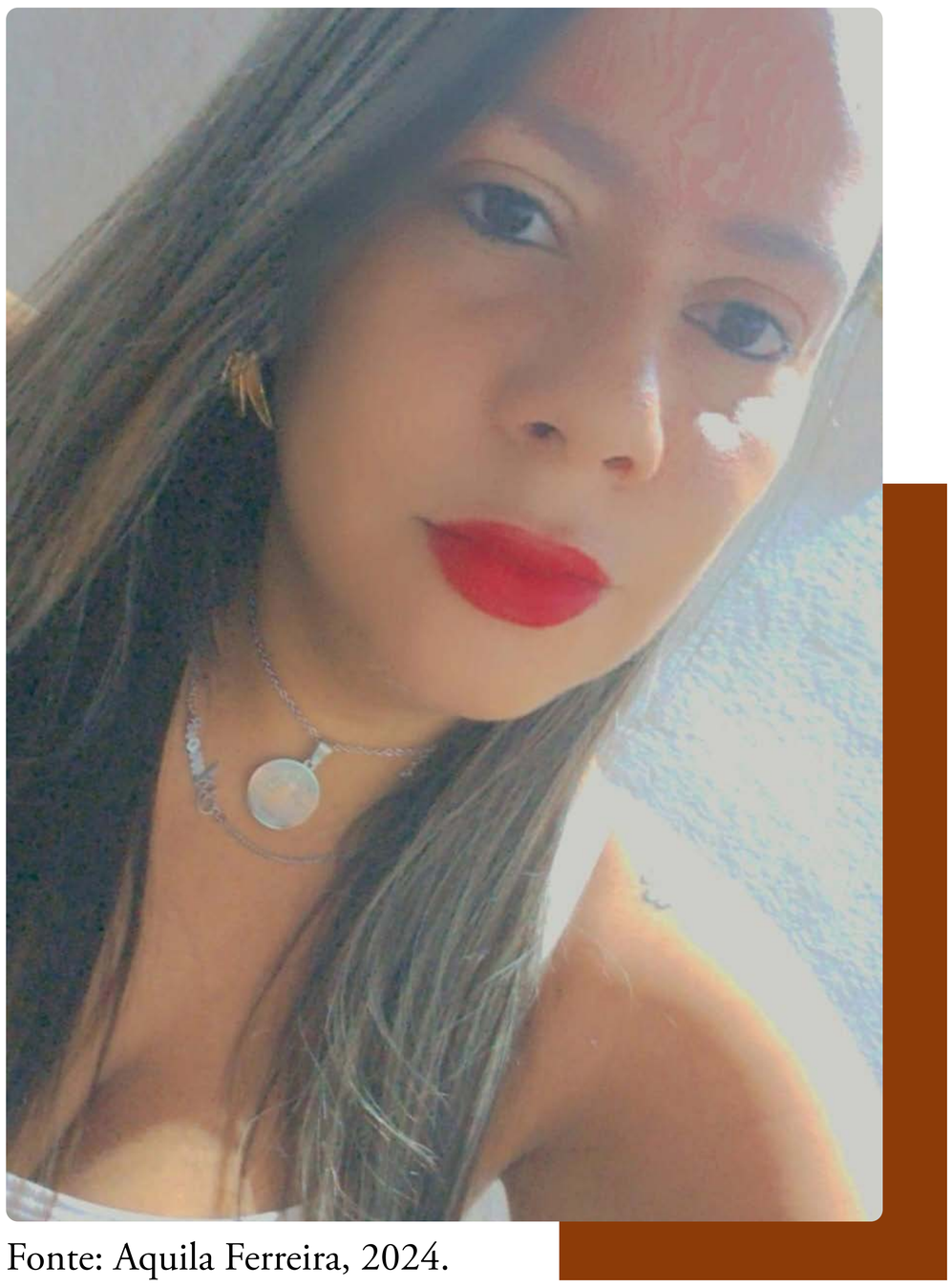
NARRATIVAS DAS MULHERES QUILOMBOLAS

Narrativa oral I

Aquila Cristina Ferreira

Professora

33 anos, casada



Fonte: Aquila Ferreira, 2024.

Aquila Cristina Ferreira

Ouvi minha avó contar histórias da comunidade. Inclusive, minha avó foi uma das primeiras moradoras a ocupar essa localidade. Essa certificação trouxe benefícios para o reconhecimento dessa população. As pessoas puderam expor os trabalhos com seus antepassados em feiras e eventos. Me considero, sim, quilombola. Sou filha de mulher negra, neta de mulher negra. Criada no terreiro do quilombo Alto Santana… Lugar de história e memória, de luta… Quilombola significa pertencer à história do lugar ou de determinada comunidade fazer parte da história de luta de negros trabalhadores que sofreram para ter o mínimo do direito respeitado.

Narrativa oral II

Sinara Dias da Silva

Artesã/trancista

51 anos, casada

Fonte: Paulene Almeida, 2023.

A história da comunidade sempre foi contada pelos mais velhos, um bairro mais afastado com pessoas de baixa renda, a maioria negros. Por muito tempo, foi um bairro comum. Em 2017, recebemos a visita da ex-presidente do quilombo com outras mulheres, veio falar sobre o que é ser quilombola, se eu aceitava me unir a elas para ser reconhecida. Aceitei e hoje estamos aqui no quilombo. Eu já acompanhei minha mãe quando ela ia lavar roupas no Rio Vermelho, ajudava ela, e aprendi as técnicas usadas na época, como usar os recursos disponíveis para quarar e alvejar. Ser quilombola é uma forma de valorizar nossa geração e nossos costumes.

Paulene Almeida Rodrigues

Narrativa oral III

Delice Dias da Silva

Aposentada

84 anos, solteira

Fonte: Paulene Almeida, 2023.

Eu faço xarope de hortelã, sabugueiro e assa-peixe, uso o óleo de pau. Esse óleo serve para muitas coisas, principalmente essas influenzas novatas que está tendo agora. Eu faço para a minha família somente. Eu lavava roupas na pedra branca, não existia esse negócio de carioca não, era pedra branca e Rio Vermelho. Usava sabão feito em casa, feito de cinzas no fogão caipira que eu mesma fazia. Não existia esse negócio de escova, nem tinha sabão em pó, não tinha as coisas que tem hoje para lavar roupas. Para alvejar, nós usava bucha de São Caetano, fervia a roupa na beira do rio, fazia as ***trempes*** *de pedra e punha uma panela grande e fervia as roupas. Usava as buchas de São Caetano que saía o sumo e nós esfregava as roupas. Do lado de lá e do lado de cá dos rios eram muitas lavadeiras, minhas colegas de lavar roupas apanhava lenha e capim para acender o fogo. Eu lavei roupas por 60 anos, também trabalhei em casas de famílias. Aprendi a lavar roupas com a minha mãe.*

Paulene Almeida Rodrigues

Fonte: Paulene Almeida, 2023.

Fonte: Paulene Almeida, 2023.

Narrativa oral IV

Romilda Mendes dos Santos

Aposentada

69 anos, solteira

Fonte: Paulene Almeida, 2023.

Romilda Mendes dos Santos

Quando cheguei aqui aos 16 anos de idade, havia poucas casas e poucos moradores. Eu tenho muitos parentes na comunidade, minha irmã, irmão, meu pai. Eu faço trabalhos manuais com bordados, minha mãe já lavou roupa no rio, lavava as nossas, as dos outros não. O quilombo abriu as portas para nós, tem viagens para mostrar os produtos que a mulher faz aqui, tem até cesta básica. A pessoa veio procurar para saber se queria ser quilombola, achei bom.

Narrativa oral V

Domingas Teixeira da G. Ferreira

Quitandeira

52 anos, casada

Fonte: Aquila Ferreira, 2024.

Eu tenho vários parentes na comunidade: meus pais, tios, irmãos, primos, filhos, neta. Minha mãe foi uma das primeiras moradoras do bairro. Eu faço quitandas, como doces de caju, de laranjas, bolachas de nata, e eu vendo de forma particular. Eu considero os trabalhos das outras mulheres que faz alguma prática cultural importante para o quilombo, porque a pessoa pode mostrar seus produtos para a sociedade.

Narrativa oral VI

Claudiane A. M. P. Almeida

Funcionária Pública

50 anos, casada

Fonte: Claudiane Aparecida, 2023.

Meus parentes na comunidade são minha mãe, irmã e sobrinhos. Eu resido há 50 anos na comunidade. Lembro da minha avó dizer que aqui era só mato, pouquíssimas casas rodeadas de mato. Com o passar dos anos foram surgindo novos moradores, a maioria dos antigos já são falecidos. Minha avó e minha mãe já foram lavadeiras de roupas no Rio Vermelho. Depois que nós lavava as roupas, ia buscar lenha para fazer brasa no ferro para depois passar as roupas. Eu considero importante a prática cultural realizada por outras mulheres. Sobre a certificação, eu recebi a visita de um grupo de mulheres que explicou sobre a importância de nos tornarmos quilombolas. Depois a Agente de Saúde, Romilda, comentou sobre a certificação. Depois a comunidade foi se inteirando do assunto e aderindo à proposta, fornecendo documentos. Eu faço quitandas, uns bolinhos fritos que aprendi com a minha vó, faço para consumo próprio. Ser quilombola é um título que ganhamos. Por meio desse título, a nossa geração e os nossos descendentes são valorizados.

Paulene Almeida Rodrigues

Narrativa oral VII

Maria das Graças Siqueira Campos (Dona Chica)

- Ceramista/aposentada
- 72 anos, viúva

Fonte: página do Facebook - Associação Quilombo Alto Santana, 2023

Na comunidade, tenho irmã, sobrinhos, filhos e netos. Aqui só tinha uma casa, depois fez mais duas. Minha mãe morava na fazenda, depois, conversando com dona Joana, que era amiga de mamãe, ela falou para ela vir para cá e cercar um pedaço. Assim mamãe fez, e a casa foi construída com adobe. Mamãe contratou uma mulher chamada "Luzia Homem", que fez os adobes, e seu Benedito foi no morro, pegou os paus, e minha mãe comprou as telhas. Aqui era só um trieiro, não tinha água nem luz. Minha mãe tinha uma mulinha e, com a ajuda de seu Benedito, fez um poço que fornecia água para todos. Esse poço ainda está lá, soterrado. Quando o povo começou a falar do quilombo, veio umas mulheres e explicou tudinho, daí eu contei a nossa história, que foi assim: u trabalhava desde os 12 anos de empregada para os ricos, trabalhei na casa da professora dona Dolcy. Um dia pedi a minha mãe um pedaço de chão e fiz um barracão com o dinheiro que ganhava do serviço

Paulene Almeida Rodrigues

de doméstica, comprei os adobes e os outros materiais. Aprendi a fazer panelas com a minha irmã, eu estava grávida, fui e pedi a ela para me ensinar. Ela falou que, quando o meu filho nascesse, ela ensinava. Quando eu tive o menino, iniciei o trabalho com as panelas de barro, estou até hoje. Criei meus filhos, aposentei, minha mãe foi lavadeira também. Ser quilombola é lutar sempre, como fiz a minha vida toda.

Narrativa oral VIII

Ana Paula Santos Gomes

Educadora Física

36 anos, solteira

Fonte: Ana Paula Santos 2023.

Tenho parentes de primeiro grau, meus pais, avós e tios. A minha avó contava que desde que mudou para o quilombo já havia algumas pessoas. Ela dizia que, na época da construção da nova igreja do Rosário, tinha pessoas descendentes de negros que começaram a ocupar o quilombo. Minha avó ajudava nos eventos do bairro. Ela fazia tapetes, foi lavadeira e minha mãe ajudava também lá na carioca. Em relação às mulheres que fazem trabalhos culturais, acho importante esse resgate para não deixar morrer a cultura em si, porque a cultura não era vista. Ser quilombola é importante devido ao meu grau de parentesco por causa dos meus ancestrais. Ser quilombola é reviver as culturas, valorizar os ancestrais. Após a certificação, as coisas mudaram para melhor. Muitos puderam expor seus trabalhos, um modo de resgatar a cultura local.

Narrativa oral IX

Maria Lourdes Pinto Mota

Diarista

64 anos, casada

Fonte: página do Facebook - Maria Lourdes Mota, 2023.

Os parentes da comunidade, a maioria são do meu esposo. Quando meus sogros vieram para cá, tudo era difícil, só tinha o poço de água localizado na lavanderia. Daí meu sogro cercou um pedaço e começou a construir, mas antes fez um poço de água no lote com a ajuda dos vizinhos e irmãos.

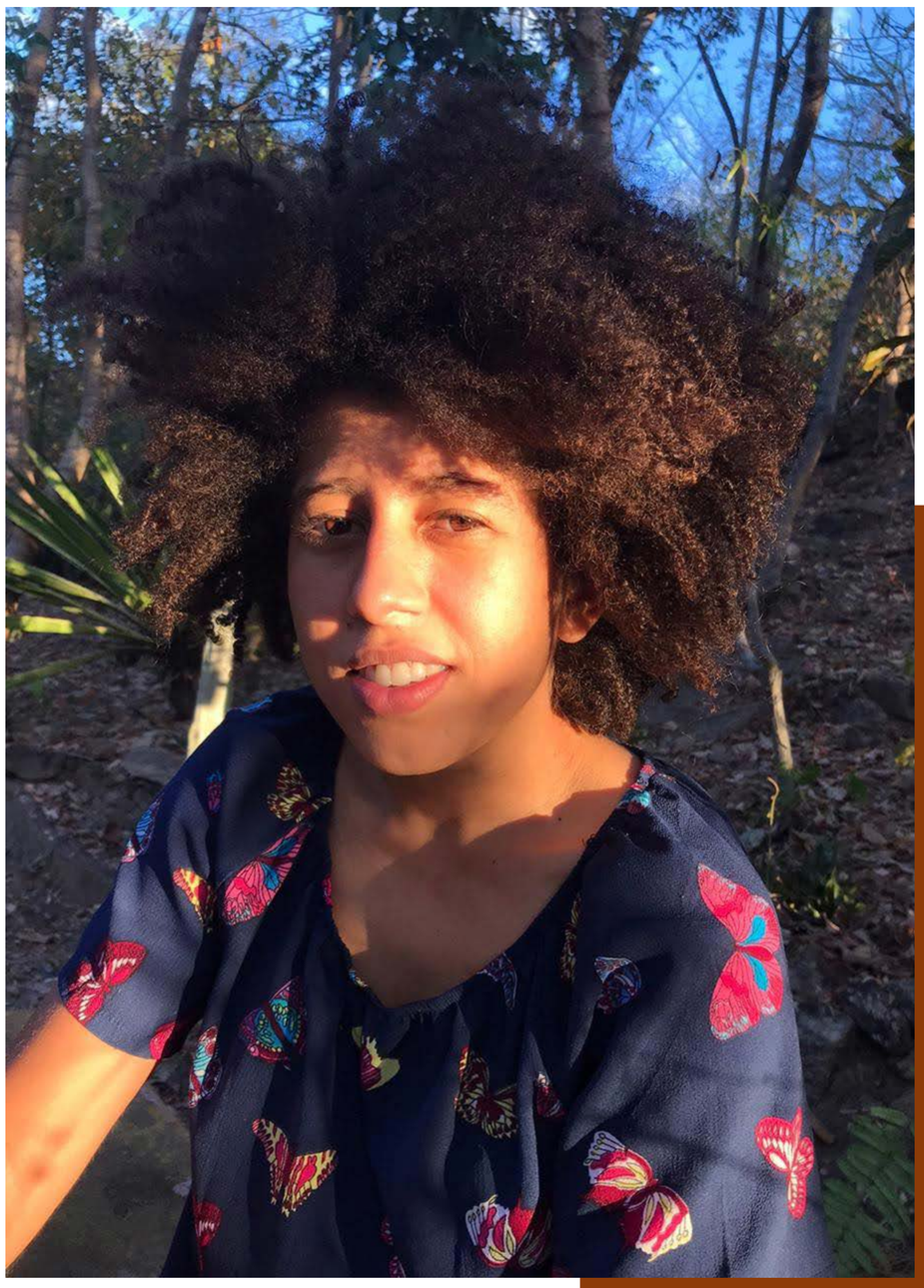
Minha mãe e minha sogra lavavam roupas no rio. Quando o rio enchia, ia para a biquinha, porque lá a água demorava a sujar, lavava roupas para os outros. Acho tão importante as mulheres que conseguem fazer alguma coisa que aprenderam com os antepassados, principalmente pela Chica, que já fazia panela e nós bulia. Ela pagava nós, eu aprendi a costurar; inclusive, quando veio a oficina de bolsas, eu ajudei. Ser quilombola é se unir com as pessoas, fazer o bem para o bairro. Sobre a certificação, melhorou bastante para as crianças, coisas para gente se aposentar, arrumar as escrituras.

Narrativa oral X

Weslany Rose Assis P. da Silva

Estudante de direito e Agente Comunitária de Saúde

25 anos, solteira



Fonte: Weslaine Rose, 2023.

Na comunidade tenho minha avó, minha mãe e meu tio, que reside nessa casa há aproximadamente 20 anos. No entanto, antes disso já moravam meus avós, que construíram sua família e criaram seus filhos na mesma casa. Quando criança, por volta dos 5 anos de idade, tenho lembranças de frequentar a casa, brincar e ouvir as histórias do pessoal do "chupa osso", que eram conhecidos da minha família e amigos. As práticas culturais exercidas pelas mulheres acredito que sejam bastante enriquecedoras, pois mostra que o conhecimento e as origens estão sendo continuadas mesmo em tempos atuais, em que a tecnologia tem cada vez mais espaço. O fato de ser quilombola está relacionado a um passado marcado por constantes e ferrenhas lutas por direitos sociais básicos para

Paulene Almeida Rodrigues

um mínimo de qualidade de vida possível. Foi por meio dessas lutas que hoje nós quilombolas podemos mostrar nossa força e poder, preservar nossa cultura e não deixar que apeguem nossas histórias, que ainda assim precisa ser constantemente reafirmada. A certificação do Quilombo Alto Santana trouxe grande reconhecimento para os moradores da região. Eles agora passaram a ver com outros olhos toda a trajetória de resistência do povo. Para as mulheres, muitas vezes chefes de família, trouxe mais independência e força de vontade para buscar e ter acesso a benefícios e políticas públicas que antes eram para grupos muito específicos.

Narrativa oral XI

Cleonice Maria da Rocha

52 anos, casada

Fonte: Paulene Almeida, 2023.

Essa imagem é referente à vista que tenho do quilombo na minha casa. Em relação ao grau de parentesco na comunidade, tenho mãe, irmãos, filhos e netos. Sobre o surgimento da comunidade, eu nasci aqui, mas morava em uma fazenda chamada Zanzam. Aqui tinha muitos refugiados que vieram da fazenda, tinha poucas casas. Meu avô era quilombola, trabalhava em troca de comida, e foi se ajuntando aqui. Minha avó por parte de pai comprou aqui, os avós por parte de mãe conquistaram o lote por meio de doação.

Sobre a certificação, a ex-presidente do quilombo conversou com nós e explicou sobre o quilombo e trouxe documentos para nós assinar. Já fui lavadeira e ganhava por peça. Lavava roupa na bica do carreiro na cachoeirinha, depois fui lavar na lavanderia daqui. Quando deixei as roupas, fui mexer com argila. Eu era artesã de cerâmica, mas já parei há dez anos. Eu me defino quilombola. Quilombo é um povoado que vai se juntando em algum local com a prática da cultura de escravos. Em relação à certificação, trouxe melhorias para a população e para os jovens terem direito à bolsa na faculdade. Ter como correr atrás dos direitos com os representantes fica mais fácil.

Paulene Almeida Rodrigues

Narrativa oral XII

Lindamar Dias Rodrigues

Cabeleireira e Técnica de Enfermagem

41 anos, casada

Fonte: Lindamar Rodrigues, 2023.

Na comunidade tenho minha sogra, minha mãe de criação (madrasta) e meus filhos. Em relação ao surgimento da comunidade, não tenho lembrança. O bairro se tornou um quilombo quando algumas pessoas vieram aqui, contou sobre o projeto, eu aceitei e forneci meus documentos.

Essa certificação é uma maneira de resgatar a memória dos antepassados, fiquei surpresa ao descobrir que sou quilombola por ter antecedentes negros. Em relação às mulheres que fazem uso das práticas culturais, considero muito importante. Com a certificação, a condição de vida da comunidade está começando a mudar, principalmente para as pessoas que já estão na universidade.

Lindamar Dias Rodrigues

Narrativa oral XIII

Irene Ribeiro Pinto

Técnica de Enfermagem

63 anos

Fonte: Irene Ribeiro, 2023.

Em relação ao grau de parentesco, tenho irmãos e sobrinhos. Sobre o surgimento do bairro, quando meus pais chegaram aqui sem recursos, sem estudo e sem trabalho, conseguiu um lote indicado pelos poucos vizinhos, fez a medição, cercou e construiu uma casa de pau a pique coberta de palha. Em relação ao ofício de lavagem de roupas, minha mãe lavava roupas na carioca. Lá tinha muitas pedras brancas, cada lavadeira tinha a sua, quarava as roupas, usava até anil e sabão feito em casa, passava as roupas com o ferro a brasa. Eu ajudava a lavar roupas e depois ia para o serviço doméstico. Não faço nenhuma prática cultural, porque abracei a enfermagem, mas admiro as mulheres que lutam para manter suas raízes.

Sobre a certificação, a ex-presidente foi de casa em casa explicar e pedir ajuda para os documentos. Ser quilombola é motivo de orgulho, as coisas estão começando a melhorar, porque já podemos exigir nossos direitos.

Narrativa oral XIV

Romilda Ferreira da Silva

Pedagoga e Agente Comunitária de Saúde

46 anos, casada

Fonte: Romilda Ferreira da Silva, 2023.

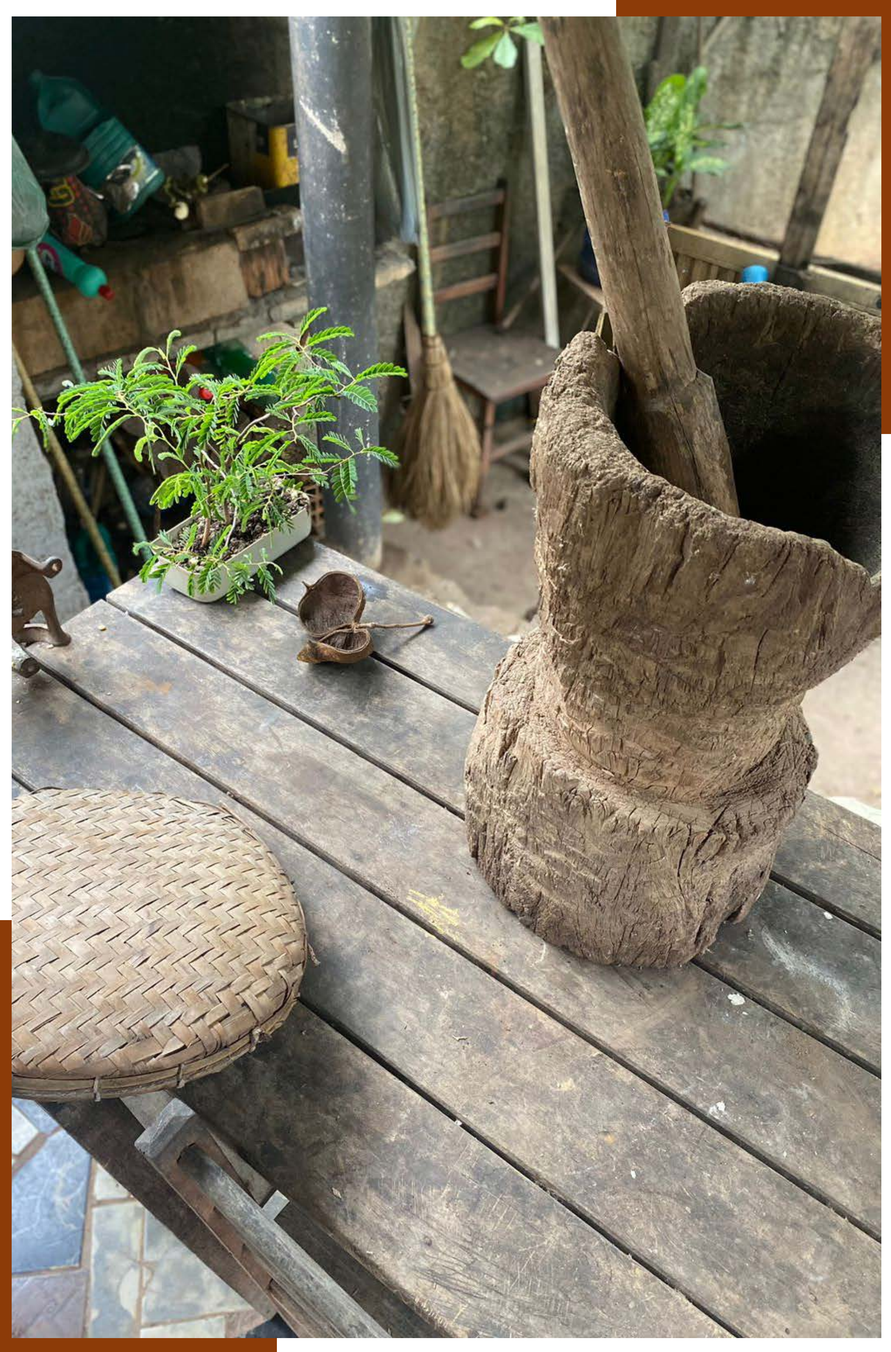
Para realçar a força da mulher quilombola, exponho os objetos que foram da minha mãe Benedita (in memoriam), mulher quilombola.

Em relação ao grau de parentesco, tenho tio, primos e filha. Sobre a história da minha comunidade, eu tinha mais ou menos 2 anos, éramos os últimos moradores da rua. Fizemos uma casa com pau a pique, depois meu avô comprou materiais e construímos uma outra casa melhorzinha. Sobre a certificação, a ex-presidente passou nas casas explicando como seria o quilombo e depois fornecemos os documentos. Em relação a práticas culturais, eu faço xarope, pego raiz no mato, minha mãe conhecia muitas raízes. Agora as que faço para a comunidade é tudo medido, uso casca de jatobá, bálsamo, casca de angico, hortelã. O nosso cerrado tem vários tipos de plantas para

Romilda Ferreira da Silva

Paulene Almeida Rodrigues

remédio. Meu avô foi benzedor, e eu não aprendi por falta de interesse. Tinha uma senhora que se chamava dona Toca que tentou me ensinar a benzer, mas não aprendi. Em relação ao ofício de lavagem de roupas, eu lavava na carioca, mas era a nossa roupa. Minha mãe trabalhava na casa dos outros, lavava as roupas com sabão caseiro de bola. O trabalho das mulheres é bom, assim a cultura não se perde. Ser quilombola é valorizar os nossos antepassados, é trazer na memória o que foi passado de geração a geração, é guardar os objetos que nos remetem à memória.



Fonte: Romilda Ferreira da Silva, 2023.

Narrativa oral XV

. **Celene Cardoso Farias**

. Artesã

. 54 anos, casada

Fonte: Celene Cardoso, 2023.

Em relação ao grau de parentesco, tenho parentes quilombolas, meus tios e primos, mas da minha família somente eu ainda moro aqui. Em relação ao surgimento do bairro, foi meu bisavô materno Américo que mudou para cá e foi construindo casas. Sobre a certificação, a presidente do quilombo veio até aqui e contei a história de minha família. Eu faço doces cristalizados e bonecas de pano, aprendi com a minha mãe. Eu avalio o trabalho das mulheres de forma produtiva, estou ensinando minha neta a fazer bonecas e doces. Sou quilombola com muita honra, estou aqui representando meus ancestrais. Com a certificação, veio alguns benefícios a mais, como a possibilidade de ter direito à bolsa na faculdade e prioridade nas vacinas.

Paulene Almeida Rodrigues

Narrativa oral XVI

Karine Lopes

Autônoma

28 anos

Karine Lopes

Em relação ao grau de parentesco, tenho pais, irmãos, tios e avós. Sobre a certificação do quilombo, fui procurada pela ex-presidente, que me explicou que seria um quilombo e recolheu meus dados. Não sei fazer nenhuma prática cultural, mas acho importante as outras mulheres fazerem esse trabalho cultural. Não vi mudanças ainda depois da certificação, mas com o tempo poderá acontecer.

Narrativa oral XVII

Bel kis Alves Pereira

Amasiada, do lar

31 anos

Eu não tenho parentes na comunidade. Aqui era um local sem acesso, só tinha um trieiro cheio de mato. Em relação ao processo de certificação, eu só fiquei sabendo quando já tinha virado um quilombo. Eu aprendi a coletar com o meu pai os frutos do cerrado para fazer doces e sucos. Ser quilombola é lembrar dos antepassados especiais do meu pai que era negro. Em relação à vida das mulheres, no momento não houve mudanças. Já fui lavadeira de roupas no rio para a nossa família mesmo. Me considero quilombola porque nasci aqui.

Bel kis Alves Pereira

Narrativa oral XVIII

Wyliandriely Silva Almeida

Agente Comunitária de Saúde/ Curso Superior

25 anos, solteira

Fonte: Wyliandriely Silva, 2023.

Em relação aos parentes na comunidade, tenho meus pais e meu tio. Minha avó contava a história que aqui não tinha casa, só um trieiro, ela morava na fazenda do Mauro Português. Sobre a certificação, ouvi boatos que o morro seria um quilombo, soube do processo pela ex-presidente que nos procurou para participar contando a nossa história. Eu pratico o samba de roda, mas não gosto de uma dança específica, gosto de todas. O trabalho com as práticas culturais é importante, a gente aprende com eles, tu obténs lucro (aprende a fazer). Quilombola significa para mim a resistência, a força, né, porque vem de antepassados, no caso de minha avó. Tudo para o negro era muito complicado, muito difícil mesmo, agora que o negro está tendo visibilidade. Ser quilombola é ser a força dos antepassados para mim. A certificação melhorou algumas coisas. No início falou que ia melhorar mais, até hoje ainda são poucos benefícios.

Paulene Almeida Rodrigues

Narrativa oral XIX

Roselane Mendes dos Santos

Funcionária pública e atual presidente do quilombo

55 anos, amasiada

Fonte: Roselane Mendes, 2024.

Em relação ao grau de parentesco na comunidade, tenho irmãos, meu pai e sobrinhos. Sobre a história da comunidade, eu vim morar aqui eu tinha 1 ano de idade, aqui era só um tripeiro, os filhos foram construindo e cada um foi ocupando uma parte. O processo do quilombo foi com a Fernanda e uma pesquisadora. Foi falado que havia a possibilidade de aqui ser um quilombo, foi pesquisando, visitando as matriarcas e os patriarcas para saber sobre a história de vida deles, dos pais, dos avós, com isso foi levantando os dados. Vieram aqui o pessoal do Quilombo dos Palmares para verificar se era verídico esses dados. Eles fizeram um levantamento e realmente constatou que aqui é um quilombo. Eu faço tapetes de crochê, existia uma brinquedoteca onde eu fui participar como ouvinte e aprendi vendo as professoras que aprenderam

Paulene Almeida Rodrigues

com outras gerações, fui me aperfeiçoando (grade, cordão, tapete). Faço doces também. Ser quilombola é uma luta que a gente tem, são tantas histórias sofridas… Para mim é uma conquista ter na cidade de Goiás um quilombo de pessoas que foram escravizados. Olhar para trás, ver o quanto foi sofrido, é uma luta grande para ter chegado até aqui, uma cultura que venho tentando conhecer. Não conheço tudo, mas estou estudando e aprendendo. Já fomos lavadeiras de roupas, vinha com a bacia carregando roupas na cabeça. Não houve mudanças ainda, mas com essa visibilidade estamos ganhando força. Mas acredito que haverá mudanças, a gente corre, luta, não é para nós, mas para os outros.

Fonte: Roselane Mendes, 2024.

Narrativa oral XX

Eloisa Alves S. Ribeiro

Diarista

51 anos, casada

Fonte: Eloisa Alves, 2024.

O bairro Alto Santana é onde eu nasci, tenho 51 anos, aqui já tinha muitos moradores. Quando o bairro foi se tornar quilombo, algumas mulheres vieram aqui e explicaram sobre a certificação, daí eu forneci meus dados, assinei, dei os documentos. Tenho parentes aqui, meus, tios, irmãos, sobrinhos, primos. Minha mãe era lavadeira de ganho no Rio Carioca, nós íamos no rio enquanto a roupa quarava, eu ficava brincando, tomando banho na carioca até a minha mãe chamar para torcer a roupa. Usava o sabão de quadra e quarava com a erva São Caetano. Eu acho bonito as mulheres que fazem os trabalhos com as práticas culturais, esse trabalho é o meio de ganho delas. Para mim, ser quilombola é lembrar de nossos antepassados. Hoje o quilombo recebe muitas visitas, tem muitos secretários que vêm aqui observar, vai ter melhorias com o tempo, para os jovens que vão ter mais conhecimento.

Paulene Almeida Rodrigues

Patrimônio, memória e identidade

As atividades desenvolvidas na comunidade quilombola do Alto Santana podem ser relacionadas às questões vinculadas ao patrimônio cultural imaterial, uma vez que englobam as "práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas – junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados – que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural" (Unesco, 2003).

É imprescindível a preservação cultural da memória e da identidade de um povo, pois é por meio desses saberes e fazeres que esse empreendimento adquire significado para as famílias que foram marcadas por essa forma de prover o próprio sustento. Essa preservação também demonstra que a arte sobrevive e perpassa os muros da tecnologia e, que, ainda hoje, representam lugar de memória, de pertencimento e de identidade.

Por essa razão, é preciso considerar a educação patrimonial como orientadora desse processo que emancipa determinados grupos com a intencionalidade de

referenciar os movimentos quilombolas, como os saberes e fazeres das mulheres que ocupam o quilombo Alto Santana como forma de valorização e reconstrução das identidades.

Para trabalhar os saberes e as práticas culturais existentes no quilombo, é preciso identificar os valores que a comunidade considera importante para si e para o coletivo. As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola (2012), nos vários princípios apresentados, explicitam esses direitos já constituídos ao ressaltar, entre outras ações, a realização de um processo educativo escolar que respeite as tradições e o patrimônio cultural dos povos quilombola; a valorização da diversidade étnico-racial; além do direito de os estudantes, os profissionais da educação e a comunidade se apropriarem dos conhecimentos tradicionais e das formas de produção das comunidades quilombolas de modo a contribuir para o seu reconhecimento, valorização e continuidade BRASIL, 2012).

Poderíamos elencar uma série de outros fatores que comprovam que os saberes e as práticas quilombolas culturais devem ser incorporados à educação de tal forma que não restariam dúvidas sobre a importância dessas referências culturais para o Brasil. Porém, o foco é o reconhecimento, a valorização dessas práticas culturais e o respeito à diversidade cultural.

Educação patrimonial: saberes e fazeres

O conhecimento produzido na comunidade nos permitiu uma reflexão acerca dos saberes e valores culturais existentes. Nessa vertente, a preservação do patrimônio cultural nos possibilitou o acesso às memórias, seja no campo da individualidade ou no coletivo. O Mestrado Profissional em Estudos Culturais, Memória e Patrimônio permite ao pesquisador refletir sobre suas próprias inquietações que norteiam os materiais didáticos que, por sua vez, têm informações insuficientes acerca da história local. A matriz curricular, muitas vezes, vem descontextualizada da realidade em que os estudantes estão inseridos. Nesse processo de ensino e aprendizagem, os saberes culturais locais são imprescindíveis para uma educação voltada ao respeito a múltiplas culturas.

Considerando que os saberes e fazeres das mulheres quilombolas no que se refere a práticas culturais, como a fabricação de cerâmicas, os medicamentos alternativos utilizando plantas medicinais e o ofício de lavagem de roupas, fazem parte do Patrimônio Cultural Imaterial de Goiás, foi elaborada uma proposta de

produto resultante da pesquisa realizada, ou seja, um e-book com base na educação patrimonial para subsidiar a cultura local.

É imprescindível ressaltar que a educação permeia a socialização do conhecimento no que tange à valorização dos saberes, dos valores culturais presentes nas comunidades, conduzindo-nos a uma reflexão acerca de como preservar o patrimônio cultural. Isso nos garante o direito à memória coletiva e individual, sendo um elemento fundamental para que possamos exercer a cidadania de forma plena e reflexiva.

O patrimônio cultural deixado pelos nossos ancestrais constitui-se como uma herança histórica, que precisa ser perpetuada para as gerações vindouras. Nestas, estão imbricados os saberes, os fazeres e os costumes de pessoas que vivenciaram outrora.

Desse modo, acredita-se que, por estabelecer uma relação de aproximação com o patrimônio, a educação patrimonial corrobora para:

> [...] a formação de um cidadão consciente dos seus direitos e deveres, que compreenderá a importância da memória e da identidade de um povo ou nação e da necessidade da ação de proteger e escolher seus bens patrimoniais (Assunção, 2003, p. 51).

Seguindo essa linha de pensamento de que a educação é emancipadora, Tolentino (2019) explica de forma clara e objetiva os processos educacionais nos quais a participação dos sujeitos deve ser ativa nos diversos campos culturais.

> Nos processos educativos formais ou não formais que lidam com o patrimônio cultural em comunidades torna-se fundamental a participação ativa dos sujeitos sociais produtores das referências culturais nesse processo tornando-o participativo e democrático permitindo que suas vozes não sejam relegadas ao limbo do esquecimento (Tolentino, 2019, p. 12).

A educação patrimonial tem auxiliado as instituições de ensino no desenvolvimento de atividades que colaboram de forma produtiva para um trabalho educacional em museus e sítios históricos com conceitos ligados ao patrimônio. Nessa perspectiva, Costa (2009) ressalta que o princípio básico defendido pela teoria da educação patrimonial é que os indivíduos aprendem melhor por meio da vivência de experiências diretas com bens do patrimônio.

Com o objetivo de reconhecer e valorizar os elementos culturais que necessitam ser abordados nas instituições de ensino, a Constituição Federal de 1988 é uma referência, pois reconhece que o patrimônio cultural brasileiro vai muito além dos objetos, dos monumentos, dos artefatos e dos sítios históricos, explicitando, ainda, que existem outras formas de expressão cultural que revelam outros aspectos como a cultura viva presente nas comunidades (Brasil, [2024]). Assim, a escola precisa estar ciente disso e deve usar esses recursos em seu cotidiano.

Esses elementos que expressam a cultura local realizados pelas detentoras dos saberes da comunidade quilombola do Alto Santana precisa ser colocado em evidência, sendo essa a expectativa na elaboração deste e-book, com enfoque no fortalecimento da educação patrimonial.

O fundamento conceitual e prático da metodologia da educação patrimonial tem como primícias orientar professores e profissionais que prezam pela preservação da cultura quanto à forma de abordar a preservação dos bens culturais presentes em comunidades dos povos tradicionais, povos quilombolas, entre outros.

Sob esse viés e em relação à educação patrimonial defendida por Tolentino (2016, p. 24), entendemos que

> [...] a educação patrimonial é entendida como um elemento fundamental integrado às práticas cotidianas dos sujeitos, concebendo-os como protagonistas na construção e apropriação do seu patrimônio cultural, incentivando, assim, a participação social em todas as etapas de preservação dos bens e manifestações culturais (Tolentino, 2016, p. 44).

Assim, é preciso verificar e analisar os elementos que evidenciam a cultura. Essas evidências devem ser realizadas por uma série de questionamentos e reflexões que permitam análises interpretativas das manifestações culturais, para que possam ser investigadas pelos estudantes.

Portanto, cabe a profissionais e educadores estabelecer os objetivos educacionais e os resultados que esperam alcançar por meio das atividades propostas, a fim de que as pessoas possam compreender sua cultura e valorizá-la, porque cada "objeto ou evidência da cultura traz em si uma multiplicidade de aspectos e significados" (Horta; Grunberg; Monteiro, 1999, p. 10).

Com o intuito de elaborar um material para que as escolas municipais de Ensino Fundamental de 1º ao 5º ano possam construir outros olhares para a diversidade e propiciar seu protagonismo na arte do saber fazer e evidenciar outros elementos culturais presentes nesta localidade, utilizamos algumas resoluções como base teórica para subsidiar as atividades propostas.

A seguir, faremos uma abordagem sintética da resolução que permeia a Educação Escolar Quilombola com orientações pertinentes acerca dessa modalidade. Embora tenhamos outras diretrizes importantes, destaca-se o trecho da Resolução nº 8 (2012).

DOS CURRÍCULOS DA EDUCAÇÃO BÁSICA NA EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA

capítulo I

Art. 34 [...]

§ 1º Os currículos da Educação Básica na Educação Escolar Quilombola devem ser construídos a partir dos valores e interesses das comunidades quilombolas em relação aos seus projetos de sociedade e de escola, definidos nos projetos político-pedagógicos.

§ 2º O currículo deve considerar, na sua organização e prática, os contextos socioculturais, regionais e territoriais das comunidades quilombolas em seus projetos de Educação Escolar Quilombola.

Art. 35 O currículo da Educação Escolar Quilombola, obedecidas as Diretrizes Curriculares Nacionais definidas para todas as etapas e modalidades da Educação Básica, deverá:

I - garantir ao educando o direito a conhecer o conceito, a história dos quilombos no Brasil, o protagonismo do movimento quilombola e do movimento negro, assim como o seu histórico de lutas;

II - implementar a Educação das Relações Étnico-Raciais e o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, nos termos da Lei nº 9.394/96, na

redação dada pela Lei nº 10.639/2003, e da Resolução CNE/CP nº 1/2004;

III - reconhecer a história e a cultura afro-brasileira como elementos estruturantes do processo civilizatório nacional, considerando as mudanças, as recriações e as ressignificações históricas e socioculturais que estruturam as concepções de vida dos afro-brasileiros na diáspora africana;

IV - promover o fortalecimento da identidade étnico-racial, da história e cultura afro-brasileira e africana ressignificada, recriada e reterritorializada nos territórios quilombolas;
V - garantir as discussões sobre a identidade, a cultura e a linguagem, como importantes eixos norteadores do currículo;

[...]

VI - Considerar a liberdade religiosa como princípio jurídico, pedagógico e político atuando de forma a:

a) superar preconceitos em relação às práticas religiosas e culturais das comunidades quilombolas, quer sejam elas religiões de matriz africana ou não;

b) proibir toda e qualquer prática de proselitismo religioso nas escolas.

VII - respeitar a diversidade sexual, superando práticas homofóbicas, lesbofóbicas, transfóbicas, machistas e sexistas nas escolas.

Art. 36 Na construção dos currículos da Educação Escolar Quilombola, devem ser consideradas as condições de escolarização dos estudantes quilombolas em cada etapa e modalidade de ensino; as condições de trabalho do professor; os espaços e tempos da escola e de outras instituições educativas da comunidade e fora dela, tais como museus, centros culturais, laboratórios de ciências e de informática.

Art. 37 O currículo na Educação Escolar Quilombola pode ser organizado por eixos temáticos, projetos de pesquisa, eixos geradores ou matrizes conceituais, em que os conteúdos das diversas disciplinas podem ser trabalhados numa perspectiva interdisciplinar.

[...]

Fonte: BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Resolução nº 8, de 20 de novembro de 2012. Define Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica. Brasília, DF: MEC, 2012.

RESOLUÇÃO Nº 8, DE 20 DE NOVEMBRO DE 2012
Define Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica.

No **Quadro 1**, apresentamos um resumo de alguns princípios e atitudes do caderno de textos *Saberes e fazeres: modos de ver* (2006), com eixos centrais e norteadores para a Educação Escolar Quilombola que devem ser considerados no currículo.

Quadro 1 – Resumo dos princípios e atitudes

Valorizar o múltiplo, o plural, a mistura de muitas diferenças na sala de aula e fora dela	Considerar distintos padrões como belezas possíveis, incorporar saberes de diferentes origens, respeitar crenças e costumes, não com a superioridade da aceitação, mas com a convicção de que nesse plano não existe, nem deve existir, um dono da verdade

Caminhar para além do senso comum	Dando ouvidos ao que é dito, mas questionando sempre, buscando, junto aos demais, desvendar como tal ou qual pensamento ou discurso foi construído, de que maneira ele afeta a vida das pessoas, a que e a quem serve. Tudo isso para não deixar que certas falas, ditados, piadas ou afirmações sem base alguma se tornem falsas verdades – repetidas de tal maneira que acabam servindo de molde para um pensamento preconceituoso
Exercitar a escuta	Ouvir vários possíveis interlocutores sobre esses temas – movimentos sociais, lideranças locais, integrantes de associações religiosas e culturais – numa atitude de real consideração, consciente de que trazem olhares e reflexões distintos dos nossos, que podem nos enriquecer e nos ajudar a ver outros ângulos da questão
Aprofundar os próprios conhecimentos	Estimular que outros o façam, sobre a História, as culturas e os saberes de africanos e afrodescendentes que participaram da formação do nosso país, acreditando que esse processo levará a uma redescoberta de nós mesmos.
Socializar as informações	Sabendo que as mudanças de atitude somente se realizam nas relações entre nós e os outros, e que o conhecimento produzido somente se legitima na socialização. O processo é o de aprender compartilhando, porque o diálogo e o trabalho conjunto são os veículos, por excelência, da aprendizagem

Fonte: Elaborado com base em Brandão (2006).

Os princípios devem estar ancorados a atitudes que possam estar inseridas na Educação Escolar Quilombola, partindo do pressuposto de que o conhecimento deve ser expandido para as diversas esferas sociais com o intuito de valorizar os saberes e fazeres presentes no quilombo Alto Santana. Esses princípios podem orientar educadores e profissionais que prezam pela preservação do patrimônio cultural a inserir nos estudantes as atitudes necessárias para respeitar as especificidades de cada um dos mais variados lugares. A seguir, apresentam-se ações que podem ser utilizadas como prática pedagógica para a educação patrimonial.

PROPOSTA PEDAGÓGICA 01:

CARACTERIZAÇÃO DO LUGAR COMO PATRIMÔNIO CULTURAL

Objetivos: estabelecer uma relação de aproximação do indivíduo com o patrimônio, instigando os alunos a construírem quatro habilidades/atitudes: observação e reflexão sobre o bem cultural escolhido; manifestação das impressões sobre o lugar; capacidade de pesquisa; e discussão, despertando-lhes um sentido e um novo significado para o bem pesquisado.

Público-alvo: alunos do 4º e do 5º ano do Ensino Fundamental.

Materiais necessários: caderno de campo, caneta, celulares com câmeras.

Primeira etapa: a atividade poderá ser desenvolvida a priori com uma visita de campo para observação e registro oral e fotográfico por meio da exploração do lugar.

Segunda etapa: registros escritos das observações em campo.

Culminância: exposição dos registros escritos e fotográficos no mural da escola.

PROPOSTA PEDAGÓGICA 02:

AS RELAÇÕES DE PERTENCIMENTO AO LUGAR

Objetivos: desenvolver uma relação de pertencimento entre as novas gerações e o patrimônio que lhes foi legado, reconhecendo neles suas histórias pessoais e de seus descendentes.

A metodologia será desenvolvida por meio de parcerias com a Associação Quilombo Alto Santana, para que os alunos possam participar de ações educativas no quilombo durante as datas comemorativas. Outra alternativa é a oferta de oficinas sobre os fazeres e saberes locais com os próprios moradores.

Culminância: sarau no quilombo com a apresentação de trabalhos a respeito do novo olhar que os alunos construíram por meio da observação desse espaço.

PROPOSTA PEDAGÓGICA 03:

OFICINA: ENSAIO ANTROPOLÓGICO

Elaborar uma narrativa a respeito de sua origem familiar, contendo aspectos que englobam pessoas até a quarta geração, utilizando registros orais e escritos, fotos e documentos.

Primeira etapa: preencher a ficha com os nomes das pessoas que compõem seu núcleo familiar.
Exemplo: você, seus pais, seus avós maternos e paternos, bisavós maternos e paternos.

Segunda etapa: fazer um registro escrito sobre o nome e o local de onde são ou vieram. Nesse registro, descrever características físicas, como cor da pele, cabelos etc. Isso também pode ser feito por meio de registros fotográficos ou documentos que comprovem a origem.

Roda de conversa: encaminhar as seguintes perguntas para discussão coletiva: "Quem eu sou?" "De onde eu vim?" "Quem foram meus ancestrais?" "Posso me considerar quilombola ou devo me aquilombar?"

Culminância: caderno antropológico de cada estudante.

REFERÊNCIAS

ASSUNÇÃO, Paulo. **O Patrimônio**. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

BRANDÃO, Ana Paula (coord.). **Saberes e fazeres**: modos de ver. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2006. v. 1. (A cor da cultura).

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Resolução nº 8, de 20 de novembro de 2012**. Define Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, [2024]. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 4 mar. 2024. Escolar Quilombola na Educação Básica. Brasília, DF: MEC, 2012.

BRASIL. **Portaria nº 281, de 24 de outubro de 2017**. Certificação da comunidade remanescente de quilombo Alto Santana, cidade de Goiás. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 2017. Disponível em: https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=25/10/2017&jornal=515&pagina=12&totalArquivos=96. Acesso em: 18 mar. 2024.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Paris: Puf, 1968.

HORTA, Maria de Lourdes Parreira; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. **Guia básico de educação patrimonial**. Brasília, DF: IPHAN: Museu Imperial, 1999.

MARINHO, Thais Alves. Territorialidade e cultura entre os kalunga: para além do culturalismo. **Caderno CRH**, Salvador, v. 30, n. 80, p. 353-370, maio/ago. 2017.

SALES, Tela Bessa; FREITAS, Antonio Jeferson Lins de. (org.). **História oral**: diálogos com a obra de Alessandro Portelli no Brasil. Sobral: Sertão Cult, 2021.

SANTOS, Fernanda Farias dos; JESUS, Elenízia da Mata de; RODRIGUES, Manoela dos Anjos Afonso; LIMA, Nayana Carneiro Caetano Rocha; ARAÚJO JÚNIOR, Ramiro Machado de; PRADO, Renato Naves; BARBOSA, Rodrigo Alves. Feira do Quilombo Alto Santana: processos de criação em comunidade como forma de vida e empoderamento. **Revista Nós: Cultura, Estética e Linguagens**, [*s. l.*], v. 6, n. 2, 2021.

SOUZA, Patrícia Borba de Souza; ARAÚJO, Klariene Andrielly. A mulher quilombola: da invisibilidade à necessidade de novas perspectivas econômicas. In: ESTEVES, J. T.; BARBOSA, J. L. A.; FALCÃO, P. R. L. **Direitos, gênero e movimentos sociais II**. Florianópolis: Conpedi, 2014.

TOLENTINO, Átila Bezerra (org.). **Educação patrimonial**: reflexões e práticas. João Pessoa: Superintendência do Iphan na Paraíba, 2012. (Caderno temático n. 2).

TOLENTINO, Átila. O que não é educação patrimonial: cinco falácias sobre seu conceito e sua prática. *In*: TOLENTINO, Átila Bezerra; BRAGA, Emanuel Oliveira. **Educação patrimonial**: políticas, relações de poder e ações afirmativas. João Pessoa: IPHAN-PB; Casa do Patrimônio da Paraíba, 2016.

UNESCO. **Convenção para a salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial**. Brasília, DF: Unesco, 2006.

SOBRE A AUTORA

Paulene Almeida Rodrigues é pedagoga e pós-graduada em Metodologia do Ensino Fundamental pela Universidade Federal de Goiás (UFG) e em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar pela Universidade de Brasília (UnB). Especialista em Psicopedagogia Clínica Institucional e em Saúde Mental, Psicopatologia e Atenção Psicossocial, atualmente é mestranda em Estudos Culturais Memória e Patrimônio pela Universidade Estadual de Goiás (UEG), com ênfase em pesquisas sobre protagonismo feminino.

EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: SABERES E FAZERES DE

Mulheres quilombolas do Alto Santana

NA CIDADE DE GOIÁS

Universidade Estadual de Goiás

PROMEP